

**FRENTE NACIONAL DO TRABALHO**

**Cadernos de Formação**

**Série**

**VINTE  
ANOS  
DE  
LUTA**

**2º caderno**

**A Greve de Perus**

**Mai de 1980**

**FRENTE NACIONAL DO TRABALHO**

**Cadernos de Formação**

Série

**VINTE  
ANOS  
DE  
LUTA**

**2º caderno**

**A Greve de Perus**

**Maio de 1980**

Para esta série conversamos com vá  
rios militantes da FNT e pessoas que acom  
panharam sua história. As pessoas com de  
poimentos citados neste 2º caderno são:

- Carmen Kraemer, escriturária, militante da FNT;
- Gino Rezaght, escriturário, fundador da FNT;
- Pe. Hamilton Bianchi, na época vigário de Cajamar, militante da FNT;
- João Breno Pinto, encanador, fundador da FNT e presidente do sindicato em Perus de 62 a 64;
- Mário Carvalho de Jesus, advogado, fundado dor da FNT.



## INTRODUÇÃO

Companheiro,

No primeiro caderno contamos como é que a FNT surgiu. Falamos das lutas concretas que motivaram a sua criação, e contamos mais em detalhes a greve da Aymoré. Falamos quais eram as principais idéias da FNT. E contamos um pouco a história do Brasil naquela época.

Neste 2º caderno vamos falar da FNT no período de 1960 a 1964, contando a greve de Perus que se iniciou em 1962 e foi até 1969.

Para começar é importante a gente ter uma visão da história do Brasil daqueles anos.



## O BRASIL DE 1960 A 1964

O período de 1960 a 1964 foi de gran de movimentação política no Brasil todo. Nos anos anteriores os grandes industriais e os banqueiros tinham se fortalecido eco nomicamente, através da associação com as multinacionais.

Com o crescimento das indústrias a classe operária também crescia. E a parti cipação política dos trabalhadores umenta va.

No campo milhares de trabalhadores rurais continuavam sendo expulsos para as cidades. Mas a luta caminhava. Em 1956 ti nha sido criada a primeira liga camponesa. Em 1961 houve o 1º congresso dos Lavrado res, em Belo Horizonte. As ligas camponē sas cresciam e sindicatos rurais eram fun dados. Isso assustava os grandes proprietários de terras, que não queriam perder os os votos dos "currais eleitorais". Não que riam que se modificasse nada nem na polít ca nem na produção do campo.

Nas cidades as greves aconteciam em todo o Brasil, decretadas pelos sindicatos e por organizações que atuavam paralelamente.

te aos sindicatos, como, por exemplo, o PUA - Pacto e Unidade de Ação - que coordenava os portuários, os ferroviários e os marítimos e o CGT - Comando Geral dos Trabalhadores, fundado em 1962 durante o 4º Congresso Sindical, realizado em São Paulo. E varias outras.

Entretanto a participação política era limitada. O sindicato continuava atrelado ao Ministério do Trabalho. A estrutura sindical era a mesma que tinha sido criada na época do Estado Novo, com Getúlio Vargas. E havia uma grande contradição nessas organizações do movimento operário. De um lado rompiam com a estrutura sindical porque agrupavam trabalhadores de diferentes categorias. De outro lado as alianças eram feitas basicamente entre dirigentes sindicais. Assim o seu apoio eram os próprios sindicatos e não os trabalhadores organizados dentro das fábricas, em comissões representativas das bases. Porisso aquelas organizações rompiam com a estrutura sindical somente pelas cúpulas e não pelas bases.

Os problemas mais sentidos e visíveis eram a inflação e o aumento do custo de vida. Mas a raiz do problema estava na própria divisão da sociedade brasileira entre ricos e pobres, isto é, em classe dominante e classe dominada.

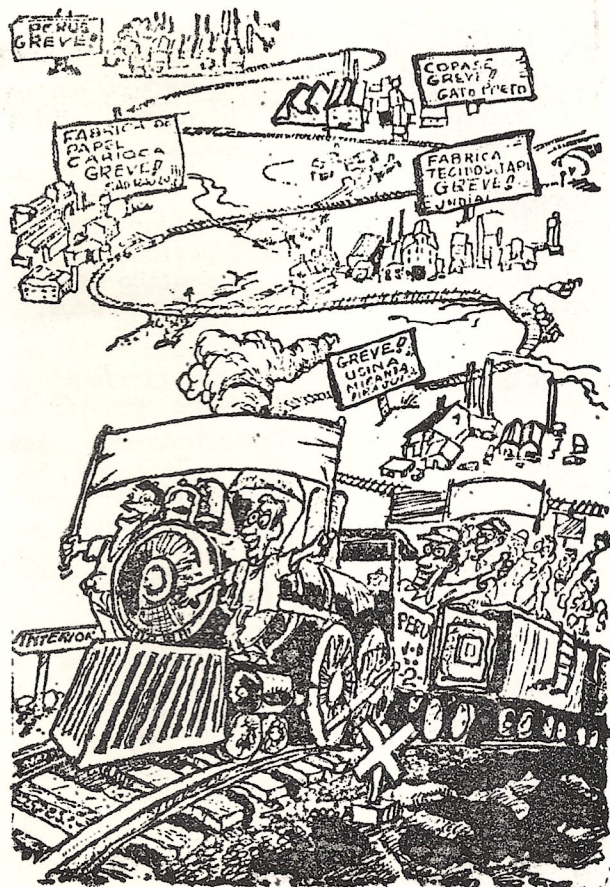
A classe dominada é formada pelos trabalhadores, do campo e das cidades. E a classe dominante, chamada também burguesia, é formada pelos industriais, os banqueiros, os grandes comerciantes, os latifundiários, os grandes fazendeiros. Desses grupos os mais modernos e mais fortes eram os grandes industriais e os banqueiros ligados às multinacionais que procuravam novas maneiras de aumentar seus lucros. Para isso, queriam mais poder político. Isto é, o grupo mais forte economicamente queria o controle do poder político para crescer economicamente ainda mais. E para ter o controle político precisava impor os seus interesses políticos e econômicos a todos os brasileiros, através do controle do governo. Por isso esses grupos mais ricos buscavam excluir totalmente os trabalhadores da luta política.

Essa crise já vinha desde os anos anteriores. Várias vezes grupos militares ligados aos grandes industriais e aos banqueiros tentaram tomar o poder: em 1955, com a tentativa de impedir que o presidente eleito Juscelino Kubitschek assumisse o poder; em 1961, quando depois da renúncia do presidente Jânio Quadros, esses setores da classe dominante não queriam que o vice-presidente João Goulart assumisse a presidência.

Jango só assumiu quando ficou decidido que a forma de governo seria o parlamentarismo, e não o presidencialismo. Isto é, o Congresso Nacional teria mais poderes para governar do que o presidente da República. Depois de alguns meses de governo Jango fez um plebiscito, uma consulta ao povo sobre parlamentarismo ou presidencialismo, e venceu o presidencialismo. Jango teve mais poderes para governar.

Mas os grupos da classe dominante não estavam satisfeitos. Fizeram uma campanha junto à classe média e aos militares, contra o governo de Jango. A classe média, assustada com algumas medidas do presidente favorecendo os trabalhadores, chegou a participar de uma passeata contra essas medidas, em São Paulo, chamada "Marcha da Família com Deus pela liberdade", em 19 de março de 64, reunindo mais de 150 mil pessoas. E finalmente em março de 1964 os militares depuseram o presidente João Goulart.

*O que você conhece a respeito das lutas dos trabalhadores e da situação política do país durante aquela época?*



## A FNT NO PERÍODO 60/64

Nesse período a FNT se ampliou bastante, devido à sua atuação junto às lutas operárias de fábricas em vários locais. Surgiram sub-sedes da FNT em Osasco, Perus, Jundiaí, Santo André. As sub-sedes apareciam ligadas a lutas concretas dos trabalhadores nesses locais. Nesse período a luta que foi mais importante no sentido de que mais mobilizou a FNT aconteceu em Perus.

### Perus

No sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cimento, Cal e Gesso de São Paulo, conhecido como "Sindicato de Perus" estavam companheiros que haviam participado da fundação da Frente: João Breno Pinto, presidente do sindicato, Zacarias, Rafael, Sebastião, Oscar, Reinaldo.

"Era um pessoal que reconhecia que a reivindicação salarial era justa, mas que a luta não era só isso. Era também aumentar a consciência de todos os companheiros, era aumentar a união entre todos de modo a criar uma solidariedade de classe; as idéias do pessoal da direção do sindicato não eram apenas reivindicação salarial.

Aquilo que mais se falava e era um tema comum era o tema da união. Tinha até casos bem conhecidos como aquele que o patrão disse que ele era que nem a lâmpada, e os operários eram as mariposas. Viria uma por uma e acabariam morrendo na lâmpada. E o sindicato respondeu que com a nossa luta unidos e organizados um dia iríamos apagar essa lâmpada." (Pe. Bianchi)

Lá em Perus, de onde havia saído o embrião do grupo que fundou a FNT, como vimos no 1º caderno, aconteceu a segunda greve importante. A primeira, como vimos no 1º caderno, foi em 1958.

## A Greve de 1962

Era o ano de 1962. A maioria dos patrões não cumpria a legislação trabalhista e não respeitava os direitos dos trabalhadores. Entre eles, o proprietário da fábrica de cimento Perus, João José Abdalla. O grupo Abdalla possuía muitas outras fábricas, de tecidos, celulose, de artefatos de ferro, de máquinas de beneficiar algodão, usina de açúcar, bancos, vilas operárias, fazendas de criação e de agricultura, empresa de mineração, a estrada de ferro Perus-Pirapora, imóveis, uma hidrelétrica. O grupo Abdalla era também associado a capi



talistas do Canadá. E Abdalla tinha sido reeleito deputado federal pelo PSD-Partido Social Democrático.

No dia 14 de maio de 1962 cinco fábricas do grupo Abdalla entraram em greve: a Usina Miranda, em Pirajúí; a Fábrica de Tecidos Japy, em Jundiáí; a fábrica de papel Carioca, em São Paulo, a COPASE-Cia. Paulista de Celulose, em Gato Preto; e a Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus. No total eram mais ou menos 3.500 operários.

Algum tempo antes os sindicatos aos quais pertenciam os trabalhadores da Japy, Carioca, Miranda, COPASE procuraram os trabalhadores da Perus para fazer um trabalho juntos, discutindo seus problemas. Vieram com uma proposta de greve, à qual o Sindicato de Perus aderiu por entender o valor da solidariedade entre todos os trabalhadores.

Na Japy, Carioca, Miranda e COPASE o motivo da greve era o atraso de pagamentos. Na Usina Miranda já estava com quatro meses de atraso. Além de colocar em dia os salários, desejavam garantir pontualidade no pagamento, como tinham obtido os companheiros da Perus. Na Perus se o pagamento não saísse até o 10º dia útil do mês os

trabalhadores tinham decidido num acordo com o patrão que paralisariam o serviço sem perda do salário e com direito a receber multa de 10%.

Os operários da Perus tinham outras reivindicações:

1) Devolução da verba para casa própria - em novembro de 1960 num contrato coletivo os operários fizeram um acordo com o empregador, pelo qual o patrão descontava na folha de pagamento 5% do aumento do salário diante da sua obrigação de lotear dentro de 6 meses uma área. E até essa data o patrão não tinha cumprido o acordo.

2) Recebimento do prêmio coletivo de produção - segundo um acordo entre sindicato e patrão em outubro de 61, quando a produção fosse maior que o normal haveria um prêmio coletivo. De outubro de 61 a abril de 62 esse nível foi alcançado em vários meses, mas o prêmio não foi pago.

3) Que se cumprisse a lei que dizia que a partir do 10º dia útil do mês, cada hora que os operários tivessem que ficar esperando o pagamento depois da jornada de trabalho corresponderia a uma multa.

4) Pagamento da taxa de insalubridade, fixada em 10%.

5) Registro de 70 empregados que tra

balhavam no corte de eucalipto utilizado na indústria e que trabalhavam sem registro na carteira,

As cinco fábricas fizeram um pacto de só retornarem ao trabalho todas juntas.

## Acordo em Separado Divide os Grevistas

Os acontecimentos seguintes marcaram o rumo da greve.

Aconteceu que o patrão procurou os dirigentes sindicais da Japy, da Usina Miranda, da Carioca e fez um acordo com eles, no 32º dia da greve. Alguns destes dirigentes eram ligados ao Partido Comunista. O fato de terem feito um acordo com o patrão, separado do sindicato de Perus, abandonando assim um compromisso assumido perante assembleia dos trabalhadores marcou o relacionamento da FNT com setores do Partido Comunista.

As bases dessas fábricas não foram consultadas por esses dirigentes sindicais e o próprio sindicato de Perus soube do acordo apenas no dia seguinte.

"Nós ficamos sabendo do acordo em separado numa assembleia nossa, através do

presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Açúcar e Alcool em Pirajuí. A nossa assembleia era às 9 horas da manhã. Ele veio na Assembleia e como a gente conhece o cara a gente percebeu que havia alguma coisa de errado, ele estava com algum problema. Então um pequeno grupo chamou ele de lado e perguntou qual é o problema que tá havendo? Ai ele falou "ih, rapaz, nem te conto". E falou do acordo, que tinha sido na noite anterior. Mas ele não contou toda a história, contou só a metade. Terminou nossa assembleia; quando foi mais ou menos meio dia chegou uma comissão de trabalhadores de Jundiá, pedindo que a gente fosse à assembleia deles à noite, porque eles não estavam confiando na direção deles, que tinha contado a história de um acordo e perguntando se a gente estava sabendo do acordo. Então a gente contou a verdade, que a gente não estava sabendo do acordo e nem tinha sido convidado. À noite nós fomos na assembleia da Japy. E lá deu um bororô desgraçado". (Breno)

A reação das bases mostrava como a atitude dos dirigentes da Japy, da Miranda e da Carioca tinha sido de cúpula.

"O pessoal disse que não ia voltar a trabalhar sem resolver o caso da Perus. E apertaram os dirigentes pra que contassem

o que realmente houve. Os caras se viraram, se viraram, e acabaram não contando a história real. Mas nós já tínhamos um esquema preparado pra ir pra assembleia. Porque a gente percebeu que ali havia mesmo traição. Então a gente foi com um esquema preparado e aconselhou o pessoal da Japy a voltar ao trabalho, e dissemos que havia muitos meios de ajudar a gente. E um dos meios seria voltar, obedecendo as lideranças deles e nos ajudar financeiramente ou participando das nossas passeatas. E assim o pessoal acatou, e não acatou muito satisfeito". (Breno)

Havia uma garra de luta nas bases que o sindicato de Perus foi obrigado a controlar. A mesma coisa ocorreu em Pirajui.

Três dias depois do acordo a Usina Miranda ainda não tinha voltado a trabalhar. Teve que ir uma comissão de Perus pedir pro pessoal voltar a trabalhar, dando sua ajuda de outras formas.

João Breno explica essa atitude do sindicato de Perus:

"Se nós fôssemos partir para incentivar o pessoal pra aguentar firme, nós não contaríamos com nenhuma dessas lideranças citadas. Seria um troço totalmente difícil porque a coordenação passaria toda pra nós.

Nós já estávamos fisicamente desgastados, aí teria que assumir Jundiaí, Pirajui, a Carioca; cairia toda uma coordenação em cima de nós e contra as lideranças. Iria aumentar muito mais o trabalho e nós não tínhamos condições de assumir isto. E tá na cara que aí a liderança passaria a nos bombardear de outra maneira. Então a posição que nós colocamos, embora a liderança sabendo que nós não tínhamos entrado na deles, mas ficou uma posição simpática. E com essa atitude posteriormente chegamos a obter uma cópia do acordo em separado, através dessas mesmas lideranças, e que foi junto no processo na Justiça do Trabalho". (Breno)

Na realidade foram feitos dois acordos entre o patrão e os dirigentes da Japy, Usina Miranda e Carioca. O primeiro pondo fim à greve e atendendo as reivindicações; o segundo era confidencial e estendia o prazo para pagamento do salário, contrariando assim a lei e anulando uma conquista dos trabalhadores. Este segundo acordo autorizava os trabalhadores a pararem o serviço, ganhando os dias de paralisação, caso o pagamento não saísse no prazo combinado. Muitas vezes depois o pagamento atrasou nessas fábricas, mas nem sempre os operários tinham condições de parar o serviço, embora o acordo confidencial autori-

zasse. As diretorias dos sindicatos não divulgaram o acordo confidencial.

A lei define como prazo de pagamento até o décimo dia útil de trabalho de cada mês, e nesse caso os dirigentes sindicais traíram suas próprias categorias:

- ao fazer um acordo sem consultar suas bases
- ao aceitar um acordo até mesmo contra o mínimo que as leis trabalhistas garantem ao trabalhador.
- ao fazer um acordo confidencial e só comunicar às suas categorias meses depois.
- com tal atitude desmobilizaram as bases, tirando-lhes no momento a sua combatividade organizada numa luta concreta.

Aos dirigentes sindicais que fizeram o acordo em separado o empregador comum disse que não faria acordo com o sindicato de Perus.

"Aquilo prolongou a greve da Perus. E o que nós sentimos no decorrer da luta foi que não era simplesmente uma greve, mas uma guerra. E a guerra era exatamente para destruir o sindicato de Perus, que tinha uma diretoria aguerrida, firme e era um sindicato forte". (Pe. Bianchi)

## Perus continua a greve - Formas de resistência

Das 5 fábricas em greve, a Perus foi julgada em último lugar na Justiça do Trabalho. A demora já era um sinal do massacre que os patrões queriam fazer em Perus.

No julgamento, o tribunal se recusou a examinar as reivindicações. No dia seguinte, a assembléia dos trabalhadores decidiu por votação secreta continuar a greve até o julgamento pelo Tribunal Superior do Trabalho. Para isso, era preciso se organizar melhor para manter o movimento.

Diz o companheiro Breno:

"Depois de acordo em separado ficamos sozinhos. Resultado, a coisa ficou muito séria. Então a gente tinha que procurar nos próprios caminhos".

Uma das iniciativas foi percorrer várias cidades do interior, buscando formas de apoio concreto, como contribuições para o fundo de greve. Nessa forma de luta foi fundamental a participação dos companheiros grevistas conhecidos por "novos", isto é, com menos de dez anos de serviço na fábrica de cimento Perus. Estes companheiros, embora enfrentando riscos maiores por não serem estáveis no emprego, assumiram a lu

não basta  
decretar a greve



é preciso  
monte-la, criar



forma  
de resistência!



ta em todos os seus momentos ao lado dos companheiros estáveis.

Durante meses os trabalhadores conseguiram manter um ritmo de passeatas e viagens pelo interior de São Paulo e mesmo outros estados, buscando a solidariedade de outros trabalhadores, de estudantes e da população em geral.

Os companheiros mais velhos, que não tinham condições de viajar se mobilizaram de outra forma:

"Então partimos pro artesanato. Aproveitamos uma garagem que tinha lá no sindicato e montamos uma fabriquinha de gaiolas. A gente começou a fazer e vender no mercado, com duplo objetivo: conseguir um fundo para a greve e manter o pessoal unido".  
(Breno)

Mais tarde foi desenvolvido outro trabalho comunitário, orientado por Frei Luis Sartori, franciscano que participou ativamente da FNT naquela época através de cursos sobre a aplicação da doutrina social cristã. Esse trabalho, feito pelas mulheres, era artesanato de costura, e contribuiu para os companheiros se sustentarem num período difícil.

Várias entidades estudantis apoiaram a greve. Os estudantes de medicina deram uma colaboração muito valiosa, com plantas em Perus e Cajamar. Fizeram cursos de primeiros socorros, cuja finalidade principal era manter o pessoal organizado para que não se perdesse o fio da meada.

Vários sindicatos do Estado de São Paulo contribuíram com o fundo de greve. Operários corriam listas dentro das fábricas em São Paulo arrecadando contribuições. A solidariedade dos bancários também se fez presente, destacando-se a participação de Rui Brito, companheiro que pouco depois era eleito presidente da CONTEC - Confederação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito.

O proprietário de uma padaria em Perus emprestou o forno aos operários. Por 2 meses dois companheiros padeiros faziam pão para os grevistas. A farinha foi doada pela Igreja, que deu também outros alimentos.

Entidades ligadas à Igreja como a JOC-Juventude Operária Católica, JEC-Juventude Estudantil Católica e JUC-Juventude Universitária Católica traziam seu apoio concreto.

O jornal "Última Hora" deu sua solidariedade divulgando os acontecimentos e participando ativamente da campanha de fundos para a greve. Outros jornais também divulgaram os fatos, como o "Estado de São Paulo", o "Correio Paulistano", o "Diário Popular", etc.

*Você já participou de uma experiência de fundo de greve?*

*O que você e seus companheiros pensam sobre essa forma de organização?*

## Agosto de 62: Perus estreia os brucutus

A 21 de agosto houve o furo da greve. Foi preparado politicamente pela deputada Conceição da Costa Neves, que era do mesmo partido de Abdalla, o PSD, e que era vice-presidente da Assembléia Legislativa, mas presidente em exercício na época. Ela era um instrumento consciente não só de Abdalla como dos patrões em geral. Em Perus a Costa Neves fez um trabalho psicológico e político contra os grevistas.

Numa reunião no cinema local ela soltou o veneno, alegando que o movimento era comunista. E pela maneira como ela falava do comunismo, dava um certo receio a muitas pessoas. Alguns elementos nossos foram

ã essa reunião, "mas quando eles tentavam falar e explicar, a polícia os punha pra fora. Então criou um clima de medo.

Naquele tempo a indústria Perus tinha grande importância no bairro. Perus existia praticamente em função da fábrica. Naquela época a situação da fábrica era decisiva para o setor de comércio e de serviços do local. Foi principalmente o pessoal desses setores que a Conceição procurou atingir e convencer da necessidade de terminar a greve.

Houve uns três dias de preparação nesse sentido, com comícios da Conceição. Em Cajamar ela fez um comício de um lado e a direção do sindicato fez outro, a turma se dividiu e entraram em choque. Em Perus fizeram um desfile militar, onde a polícia estreou os brucutus. O brucutu é uma espécie de tanque de guerra, um carro blindado que naquela época era o que havia de mais moderno para reprimir manifestantes nas ruas. Alto-falantes transmitiam as idéias da Costa Neves chamando as mães e todo o povo de Perus pra que mandassem o pessoal trabalhar, dizendo que "aquilo era um absurdo, o sindicato era um sindicato de ladrões". Pegaram algumas testemunhas inventando que o sindicato tinha desviado dinheiro dos seus cofres. Abriam processo crime

contra a direção do sindicato. Mimeografaram panfletos caluniando o sindicato à noite pichando por baixo das portas. Fizeram um preparo terrível, procurando por o povo contra a diretoria. Isso era geral em Perus e Cajamar. Procuravam quebrar a resistência dos grevistas.

A deputada encaminhou um pedido de intervenção no sindicato e continuou levando intrigas perante a opinião pública, na Assembléia e na televisão.

## O Furo da Greve

Então houve o furo, no dia 21 de agosto. Ao todo eram uns 15% que furaram, cento e poucos, a maioria da chefia. Trouxeram operários novos vindos de outros lugares e a fábrica começou a funcionar precariamente, com uma produção bem baixa, de uns mil sacos de cimento diários, quando o normal era 20 mil sacos. Eram trabalhadores sem experiência naquele tipo de serviço, um operário logo se feriu.

Os trabalhadores que furaram a greve foram obrigados a trabalhar 24 horas seguidas, devido à baixa produção, por serem poucos a movimentar a fábrica. Um deles, Ferdinando Frisk, morreu por excesso de

trabalho. As mulheres dos grevistas fizeram uma passeata no centro de São Paulo denunciando o silêncio das autoridades diante daqueles problemas.

## O cerco policial

No mesmo dia foi formado um cerco policial para acabar com a greve de qualquer jeito. Cinquenta agentes do DOPS, sem ordem de juiz, invadiram o sindicato, arrombaram as gavetas e estantes, pegaram os documentos do sindicato e espancavam quem pedisse explicações.

Na noite seguinte, de madrugada, a polícia atacou os piquetes, e incendiou as barracas onde os operários mantinham-se em vigília, nos caminhos para as pedreiras. Os policiais ocuparam o clube dos trabalhadores e o transformaram em dormitório. Em Cajamar, onde o vigário era totalmente favorável aos trabalhadores, Abdalla mandou fechar a rua que dava acesso à cooperativa dos trabalhadores e à casa do vigário. O DOPS pressionou Pe. Bianchi para sair da casa onde morava, que era propriedade de Abdalla. Os trabalhadores decidiram contrair com o seu trabalho, e fazer uma campanha para arranjar o material necessário e construir uma casa nova para o vigário.

Antes, Pe. Bianchi tinha doado para a greve o dinheiro que tinha recebido da Cúria para construir a casa paroquial.

No início de setembro o DOPS formou um anel de ferro em torno de toda a área ocupada pela fábrica e algumas casas de operários. Cento e oitenta famílias ficaram isoladas. A entrada na área era proibida, só passavam os cupinchas da empresa. Nem mesmo a assistência médica podia passar. A polícia e elementos da direção da indústria impediram o médico do sindicato de entrar na área.

Os policiais iam de madrugada de casa em casa dos trabalhadores, para forçá-los a voltar ao trabalho, usando desde processos para amedrontar até manobras divisionistas, jogando uns contra outros, procurando romper a união entre os operários.

"A fábrica funcionando a coisa caiu bastante. Então a gente deu de procurar nos caminhos. Tinha momentos em que a gente não via saída nenhuma. Mas a gente se mantinha em assembléia permanente. E não podia largar, porque havia informações contraditórias, havia um jogo de informações. A empresa representava muito dentro de Peirus, que era um bairrozinho pequeno. Era a única indústria lá. A empresa fazia reu



niões com os comerciantes, e os comerciantes cortavam o crédito dos trabalhadores. Era uma verdadeira marreta em cima da gente". (Breno)

Várias vezes os grevistas foram ao palácio do governador, nos Campos Elíseos, solicitar a remoção do tenente-chefe do policiamento em Perus, em virtude de suas atitudes violentas e arbitrarias. A diretora da Escola local, aliada do tenente, pressionou os alunos para que assinassem um documento pedindo que o tenente ficasse em Perus. As crianças que se recusaram tiveram seus boletins alterados. Mas a pressão contra o tenente foi maior e em meados de setembro ele foi removido.

## O problema é maior que a pessoa do patrão

Uma vez, em assembléia, um companheiro hoje falecido, Rodolfo, que não tinha família e já era velho propôs que se comprasse uma arma e ele mataria o patrão. Ele não se importava de passar o resto da vida preso. Então o pessoal colocou que o problema não era a pessoa do Abdalla em si. Se matassem o Abdalla viria um outro ocupar o seu lugar. O problema era maior, era o próprio sistema capitalista, protetor de todos os "Abdallas" que existem.

*Na sua opinião e na opinião de seus companheiros, o que é mais importante para a solução dos problemas dos trabalhadores?*

## Desapropriar a fábrica?

Os grevistas procuravam outras formas de pressão que encaminhassem a greve para o fim. Em março de 1963 um documento da FNT dizia que quando sentiram que estavam sendo vítimas de um plano que visava o massacre os trabalhadores buscaram uma saída: a encampação, isto é, a desapropriação da fábrica e o seu arrendamento aos operários, que formariam uma cooperativa de produção para a fabricação do cimento. Nesse sentido tiveram apoio de vários sindicatos, advogados e centros acadêmicos. O próprio presidente João Goulart acolheu a idéia através de um despacho dele obtido por D. Jorge Marcos de Oliveira, bispo de Santo André.

Um memorial solicitando a encampação imediata como única solução para a greve recolheu mais de 150 mil assinaturas. O Grêmio Politécnico fez um estudo técnico demonstrando as razões para a encampação que poderiam motivar a COSIPA - Companhia Siderúrgica Nacional.

Mas o governo andava devagar. Havia um pouco de ilusão.

## A ilusão do Estado Populista

O presidente da República aderiu apaixonadamente à encampação da fábrica. Os grevistas foram ao Rio, entregar-lhe um relatório e pedir sua intervenção junto ao governo do Estado de São Paulo no sentido de apressar a encampação. O presidente afirmou: "Prometo fazer tudo para que essa luta pacífica de vocês termine com a vitória, porque o movimento da Perus é hoje um símbolo nacional".

O andamento das coisas mostrava os limites do Estado populista. De um lado o presidente dialogava com os trabalhadores e reconhecia a legitimidade da greve. De outro lado, a polícia aliada aos patrões reprimia a greve; o governo estadual fazia o jogo de Abdalla, e o Poder Judiciário amarrava o andamento dos processos. Somente após 120 dias de greve os trabalhadores foram convocados pelo Secretário do Trabalho para a primeira tentativa de conciliação com o empregador. Olhando pelo lado econômico, nem mesmo o fato de as jazidas poderem ser aproveitadas para uma indústria estatal e nacional motivou a encampação.

## Eleições no Sindicato

Em outubro de 1962 houve eleições no sindicato de Perus. Concorriam duas chapas, uma encabeçada pela diretoria e outra pelo gerente da fábrica. A diretoria solicitou fiscais da Delegacia do Trabalho, para acompanhar as eleições. A vitória da chapa da diretoria mostrou que os trabalhadores não se confundiram com a tentativa de manobra encabeçada pelo gerente da fábrica.

## A lista negra

Depois do furo da greve, na reunião da chefia com a alta administração da empresa foram feitas três listas. Uma lista pequena, dos que se quisessem voltar seriam aceitos; uma lista um pouco maior, dos que se acaso voltassem pra pegar o cartão na chapeira ia ser discutido, haveria uma reunião com a chefia; e a lista maior de todas, dos que de maneira nenhuma poderiam voltar a trabalhar.

Essa atitude do patrão era escorada num processo que ele tinha aberto contra os empregados estáveis, alegando falta grave, dizendo que tinham abandonado o emprego. Se o patrão ganhasse o processo todos os

estáveis, isto é, com mais de dez anos de trabalho naquela firma, seriam despedidos.

Se o empregado falta 30 dias ao trabalho, o patrão tem direito por lei de alegar abandono de emprego. Quer dizer, se uma greve durar mais de um mês todos podem ser despedidos. Mas nós, trabalhadores, não fazemos greve para abandonar o emprego, e sim justamente para conquistar melhores condições de trabalho e de vida. Usamos a greve como importante instrumento de nossa luta.

Quanto aos empregados com menos de 10 anos de serviço, pela CLT o patrão podia demiti-los, e dependendo do caso pagar ou não indenização. A luta do sindicato era no sentido de que todos os não estáveis de mitidos recebessem indenização.

*Quem é favorecido por esse tipo de lei?  
O que fazer diante de uma situação das  
sa?*

## A greve de fome

Os trabalhadores continuavam em assembléia permanente. E outra vez era preciso criar novos caminhos procurando uma saída.

Foi quando um companheiro falou numa assembléia que havia ainda um recurso que não tinha sido usado, que era a greve de fome. A greve de fome poderia ser uma pressão sobre o governo, se fosse bem organizada e divulgada. A assembléia acatou a idéia e 13 pessoas se apresentaram como voluntários. O local seria em frente ao palácio dos Campos Elíseos, sede do governo estadual.

Ficou combinado que os treze tinham que não correr da polícia, não enfrentar a polícia e não entrar no carro dos presos com seus próprios pés.

E assim armaram uma barraca diante do palácio, em novembro de 1962. Durante o dia foi quase uma festa. Estava cheio de gente, apoiando e incentivando os grevistas. A noite foi chegando, as pessoas foram sumindo, até que só ficaram os voluntários. E de madrugada a coisa esquentou. A polícia veio, e desceu o pau. Só parou de bater quando achou que um deles estava morto, tomaram seu pulso e não sentiram nada.

"Não houve nenhum revide de nossa parte. Eu fiquei encarregado de telefonar. Eu vi jogarem o Breno, o Edgar e o Sebastião dentro da perua. Naquela hora me revoltou. Acho que não se faz isso com um ser humano.

Foi quando saí e telefonei, comunicando que já tinham levado três não sei pra onde",  
(Gino)

A polícia ficou rodando com os três a noite inteira, batendo. De manhã soltaram numa estrada. A intenção da polícia era dar um sumiço neles, mas já estava sendo articulado um esquema de segurança na defesa dos presos e ela foi obrigada a soltá-los.

"Uns tempos antes o Monteiro de Carvalho me disse: João Breno, você abre os olhos porque eles estão querendo sumir com você. Você e o Mário. Ficamos uns três meses com esquema de segurança, eu e o Mário. A polícia queria pegar, sumir com a gente uns dias para esfacelar o movimento. Mas na greve de fome isso não aconteceu. Pelo contrário, fortaleceu. Nós Campos Eliseos a greve de fome furou, porque veio a represão. Aí foi feito um habeas-corpus e a greve continuou no Largo São Francisco".  
(Breno)

O Habeas-corpus" é uma ordem do juiz para libertar o preso ou para impedir que a polícia prenda alguém. Nesse segundo caso é chamado "Habeas-corpus" preventivo.

Pois bem, no início de dezembro a gre

ve de fome recomeçou no Largo São Francisco, desta vez com um habeas-corpus preventivo. Durou mais de um mês. O Natal e o Ano Novo foram comemorados ali. Os estudantes de direito demonstraram sua solidariedade, fazendo um plantão permanente na praça.

Em todos os episódios da greve da Perus as mulheres tiveram marcante participação. Na greve de fome elas ficavam ao lado dos grevistas, distribuindo folhetos e conscientizando a população sobre as razões da greve de fome. Às sextas-feiras as mulheres substituíam os grevistas na greve de fome, até a semana seguinte.

Um ponto curioso foi que ali, todas as noites se concentravam as mais variadas tendências da época; grupos de esquerda, políticos, crentes da assembleia de Deus e de várias tendências religiosas. Muitos crentes faziam culto lá mesmo. E cada um interpretava o que via da sua maneira. Tinha uns que chegavam e falavam: tá vendo, são uns místicos! Outros diziam são uns vagabundos! E isso foi interessante, por que criou um ponto de polêmica, de discussão e divulgação da greve.

No começo de janeiro o Tribunal de Justiça suspendeu o habeas-corpus que garantia a permanência no Largo, e o pessoal

teve que suspender a greve.

A greve de fome foi importante para divulgar a luta de Perus. Era uma novidade ver um grupo de operários em barracas no Largo São Francisco. Muitos companheiros, trabalhadores em outras fábricas, tomaram conhecimento da greve de Perus ao passar pelo Largo São Francisco.

Essa experiência ajudou em muito a nossa luta, a medida que se tornou um instrumento de divulgação e de solidariedade.

*O que você e seus companheiros acham da greve de fome como forma de luta?*

## Fase de Dispersão

Depois disso, em 1963, estava muito difícil continuar a greve no mesmo esquema que vinha sendo mantido. Havia muitas dificuldades a pagar.

A direção do movimento então orientou os grevistas no sentido de que procurassem novos empregos. Houve muita dificuldade para o pessoal encontrar trabalho. Ninguém queria empregar grevista da Perus.

A necessidade de buscar outro trabalho, e a dificuldade de conseguir-lo em locais próximos de Perus e Cajamar fez com que muitos grevistas fossem obrigados a se afastar para cidades mais distantes, voltando a Perus e Cajamar quando era possível, e dedicando então esse tempo à família. Não sobrava tempo para o pessoal se articular e participar do movimento.

O clima de terror imposto com o golpe de 64 prejudicou seriamente o movimento.

## 1964: Prisões e Intervenções no Sindicato

Nessa fase ficou quase só a luta jurídica da greve. Em 1964, com a deposição do governo João Goulart iniciou-se uma fase de repressão aos trabalhadores e à população em geral. As ligas camponesas foram fechadas; os sindicatos atuantes sofreram intervenção, entidades estudantis foram perseguidas, entidades da Igreja também, muita gente foi presa, exilada, assassinada pela repressão. Ao final de 1964 havia cerca de 30 mil presos no país.

A FNT também sofreu o baque.

"Em 64, quando o DOPS bateu lá na FNT, e levaram o Dr. Mário nós todos nos movi

montamos. Fecharam a Frente, e a gente precisava se organizar como movimento e se organizar para soltar os presos. Quando o DOPS entrou não houve apavoramento. Iam fechar a FNT. Dr. Mário pediu pra esperar terminar as audiências, pra não prejudicar os operários. Eles concordaram. As cinco horas nós saímos e eles lacraram a sede". (Carmen)

Na mesma semana foram presos operários da Perus, entre eles João Breno, Edgar Galo, Rafael Fernandes. A sede da FNT ficou lacrada por uma semana, com policiamento diante dela.

A maneira de encarar a prisão amadurecia o grupo todo:

"Nunca uma prisão enfraqueceu nem aquele que foi preso, nem o grupo. E havia uma comunicação muito importante que a gente fazia. Quando uma saía da prisão, imediatamente fazia-se uma reunião com todos os militantes de Frente, pessoal interno, advogados, todos que estavam envolvidos, e a gente tomava conhecimento do que aconteceu com ele. Porque a gente sabia que depois podia ir outro, como foram vários. Era uma espécie de preparar o grupo para enfrentar a situação, e enfrentar de tal maneira que houvesse uma unidade". (Carmen)

O golpe militar de 1964 repercutiu imediatamente na vida do sindicato de Perus, que logo em seguida ao golpe sofreu intervenção. O chefe do departamento de pessoal da fábrica de cimento Perus foi nomeado interventor. E o advogado Mário de Jesus foi imediatamente despedido.

O acompanhamento dos processos continuou, por fora do sindicato, sem poder contar com o apoio do sindicato como instrumento de luta. Sem o sindicato e sem apoio da federação a luta ficava mais difícil.

A diretoria da CNTI-Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, já sob o comando de Ari Campista, também não deu apoio aos companheiros de Perus, que foram apoiados neste caso apenas pela CONTEC Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito - através do companheiro Rui Brito.

## O julgamento dos processos

A partir de certo momento o que sustentou a greve foi a luta especificamente a nível jurídico, e não a própria participação política dos grevistas. Por outro lado a repressão que caiu sobre os trabalhadores em 1964; a intervenção no sindicato, as manobras do patrão, comprando a polícia,

os pelegos, publicando matérias pagas nos grandes jornais, apoiado pela TV; a dispersão dos trabalhadores da fábrica Perus em novos empregos, todas essas dificuldades fizeram com que a luta, embora limitada ao nível jurídico, fosse considerada com um nível de combatividade alto para aquele momento.

Havia três processos, um dos estáveis e dois dos não estáveis. A luta da FNT na Justiça do Trabalho era pela volta dos estáveis e a indenização dos não-estáveis. Em fins de setembro de 62 a fábrica entrou com inquérito na Justiça do Trabalho contra os 501 estáveis, acusando os operários de "falta grave", "abandono de emprego" e "greve ilegal".

Durante 5 anos os trabalhadores da Perus apelaram até o último recurso jurídico para ganhar os processos. E o resultado mostrou claramente os limites da Justiça do Trabalho para defender os trabalhadores.

O julgamento dos processos teve 2 resultados: dois processos os trabalhadores ganharam, um perderam. Os companheiros estáveis ganharam a causa e voltaram ao trabalho em janeiro de 1969, com direito a receber os salários de 62 a 69. Uma parte dos não-estáveis ganhou, outra parte per-

deu. Os que ganharam receberam indenização, pois o juiz não considerou falta grave. Os que perderam não receberam nada, pois o juiz que julgou esse processo considerou que eles haviam cometido uma falta grave.

O resultado dos processos, pelo menos em parte, foi um reconhecimento da luta, à medida que a própria Justiça do Trabalho foi forçada a tomar uma posição que favorecesse os trabalhadores. A persistência dos companheiros fez com que um mínimo fosse conquistado na Justiça do Trabalho.

*Você e seus companheiros já tiveram processo na Justiça do Trabalho? Como foi essa experiência? Você acha que a Justiça do Trabalho responde às necessidades do trabalhador?*

## Nova onda de repressão

Em 1969 os companheiros estáveis foram readmitidos na fábrica e começaram a organizar um movimento de solidariedade aos companheiros que tinham perdido o processo. Buscavam conseguir indenização para esses companheiros através do aumento da produção.

Mas nesse momento ocorreu uma nova onda

de repressão no país inteiro. O governo decretou o Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, para ter plenos poderes de repressão.

Alguns companheiros da FNT foram interrogados pelo CGI - Comissão Geral de Investigações. A repressão desarticulou o movimento que a FNT tinha iniciado junto a fábrica de Cimento Perus. E novamente foram presos Breno, Mário, Antoninho, Zacarias, e outros companheiros da FNT, inclusive donúcleo de Osasco.

## E a luta continua

Abdalla tudo fez para não pagar os salários dos operários estáveis. A FNT continuou denunciando as fraudes e os crimes de Abdalla. Foi tão grande a repercussão que o sindicato de Perus sofreu a segunda intervenção em 1973 e o companheiro Mário foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional. A FNT mandou uma denúncia à OIT - Organização Internacional do Trabalho - contra a intervenção no sindicato de Perus.

E a luta continuou. A persistência dos trabalhadores forçou o governo a confiscar a fábrica, em 1974. Foi o próprio governo que pagou os 18 milhões aos companheiros





estáveis, quantia que hoje corresponderia a 132 milhões trezentos e trinta mil cruzeiros.

Ao receberem os 18 milhões pelos salários do tempo de duração do processo os companheiros estáveis de forma solidária entregaram uma parte aos companheiros que perderam o processo. Esses companheiros que perderam o processo eram companheiros que tinham assumido totalmente a luta, mesmo sabendo que não teriam os mesmos direitos que os companheiros estáveis.

Houve uma repercussão nacional da greve, que mostrou que a luta contribuiu para a organização dos trabalhadores. Companheiros da Perus, viajando pelo Brasil, várias vezes foram procurados para falar sobre a greve, contar como os trabalhadores se organizaram e quais os métodos de luta que usaram.

## OUTRAS LUTAS DAQUELA ÉPOCA

Como a gente falou no começo deste caderno, Perus não foi a única luta da FNT entre 1960 e 1964.

Em Santo André, depois do trabalho junto aos companheiros químicos da Rhodia e

aos companheiros da Tecelagem Santo André surgiu uma oportunidade da FNT fundar um núcleo em Santo André.

"D. Jorge Marcos, que participou da fundação da FNT e que foi seu presidente de honra, insistiu para que criássemos um núcleo da Frente em Santo André. Vacilamos porque sentimos que não havia militantes. Mesmo assim não podíamos recusar o oferecimento de D. Jorge em abrir uma sala ao lado da Cúria, para o núcleo da FNT." (Mário)

Essa sub-sede se manteve até 1964. De pois do golpe de 64 não houve condições dela se manter.

Em Jundiaí também surgiu um núcleo da FNT. Os primeiros contatos da FNT em Jundiaí foram como os motoristas da fábrica de alimentos CICA. Quatro motoristas, sócios da FNT lideraram uma chapa de oposição à diretoria do sindicato dos trabalhadores nas indústrias de alimentação de Jundiaí, em 1961. E ganharam as eleições.

No mesmo ano a FNT foi procurada por cerca de 300 trabalhadores da fábrica de papel e papelão Gordinho Braune, que não tinham sindicato. Depois de um trabalho de reflexão e organização o sindicato foi fundado, dois anos mais tarde.

Através da FNT os companheiros de Jundiaí ampliavam sua participação nas lutas operárias, ultrapassando assim os limites de suas reivindicações específicas. Assim é que em 1962 os companheiros de Jundiaí fortaleceram o fundo de greve, solidários aos companheiros grevistas de Perus.

Entre 64 e 66 a FNT ajudou a formar a oposição à diretoria do sindicato dos textéis de Jundiaí. Militantes da FNT trabalharam ativamente na preparação da eleição que deu vitória à oposição. Entretanto, por falta de formação do grupo que foi eleito, depois de algum tempo a direção do sindicato perdeu a combatividade.

O núcleo da FNT em Jundiaí teve bastante atuação. Depois de um certo tempo o trabalho começou a se desarticular, até que na altura de 1974 a sede fechou. Recentemente a FNT foi procurada para apoiar lutas de companheiros da Paoletti e da Cica e por companheiros que formaram uma chapa de oposição à diretoria do sindicato dos trabalhadores em transportes de Jundiaí. Estes companheiros disputaram as eleições, conseguindo uma grande vitória.

Em Osasco surgiu também uma sub-sede da FNT, em 1962, que mantém um trabalho até

hoje. Lá ocorreram lutas que deram grande contribuição ao movimento operário, como a formação de comissões de fábrica.

## CONCLUSÃO

As lutas dos trabalhadores de uma única fábrica só podem resolver parcialmente os problemas dos trabalhadores. Para resolver de maneira mais profunda esses problemas é necessário que estejam unidos às lutas dos trabalhadores de todas as fábricas. Com a luta e combatividade dos companheiros da Perus ficou claro que isto é possível, à medida que seja uma decisão da própria classe trabalhadora.

No próximo caderno, que será em torno do período 64 a 68, falaremos de uma greve que ocorreu em Perus, em 67, onde se chegou a uma posição comum entre os grevistas de 62 e os trabalhadores que começaram a trabalhar na Perus enquanto corriam na Justiça os processos dos grevistas de 62.

Contaremos também uma luta dos trabalhadores da Usina Miranda, em Pirajuí, que viveram uma experiência de cooperativa. Essa cooperativa foi depois bloqueada por autoridades, por entrar em choque com a estrutura capitalista.

E falaremos do trabalho da FNT em Osasco, onde os trabalhadores desenvolvem uma importante forma de luta, em comissões de fábrica, que chegaram a atuar junto com o Sindicato.

Companheiro,

Esperamos que você e seu grupo leiam e discutam essas experiências e delas tirem contribuições tão necessárias para o fortalecimento da organização da classe trabalhadora.

## Publicações da FNT

### Série Leis Trabalhistas

1. CLT
2. Contrato de Trabalho
3. Salário
4. Hora extra e horário noturno
5. Advertência, suspensão e demissão
6. Férias
7. Trabalho da mulher e do menor
8. FGTS e Estabilidade
9. Sindicato
10. Justiça do Trabalho
11. PIS-PASEP e 14º Salário

### Série Leis Trabalhistas: Propostas de luta

1. Liberdade Sindical
2. Garantia de Emprego
3. Política Salarial

### Série Debates

1. Custo de Vida
2. A História do Voto no Brasil
3. Eleições: Voto de Trabalhador
4. Favelas

Venha adquirir os nossos cadernos em nossa sede, ou peça por carta.

## QUEIXADA

QUEIXADA é norco do mato que, quando se vê ameaçado pelo caçador, se une para defender-se. Queixada foi o apelido dado aos trabalhadores da Perus. QUEIXADA é também o boletim da Frente Nacional do Trabalho, publicado mensalmente como uma contribuição a todos os companheiros para a reflexão e para manterem-se informados. A assinatura anual custa Cr\$ 60,00 e pode ser feita por carta.

## FOLHINHAS

A FNT ainda está distribuindo suas folhinhas de 1980. Essas folhinhas são um esforço para a nossa campanha de autofinanciamento.

Cada folhinha tem quatro grandes fotos sobre a luta dos trabalhadores, e custa Cr\$ 20,00. O companheiro pode vir adquiri-la em nossa sede, ou com nossos militantes.

---

**Companheiro, colabore  
em nossa campanha  
de autofinanciamento**

## O que é

### Frente Nacional do Trabalho

A Frente Nacional do Trabalho é uma organização de trabalhadores. Seu principal objetivo é ajudar o trabalhador a descobrir que sozinho não consegue nada, mas em grupos, agindo e refletindo, os trabalhadores atingirão seus objetivos.

É preciso que nossa luta esteja inspirada na Firmeza-Permanente. Isso quer dizer coragem para dizer a verdade, firmeza diante do opressor, esperança na bondade que existe no coração de cada homem.

A FNT foi fundada em 1960. Sua luta mais conhecida foi a Greve da Perus, onde os trabalhadores unidos resistiram 2.428 dias, sofrendo provocações e violências, resistindo sem covardia e sem medo, e vitoriosos no final da luta.

Para a Firmeza-Permanente, o importante não é ser valente de vez em quando. O importante é ser firme o tempo todo, a vida toda.

## Série FNT: 20 anos de luta

- nº 1 - Fundação da FNT
- nº 2 - A Greve de Perus
- nº 3 - Usina Miranda e Osasco
- nº 4 - Santa Fé do Sul
- nº 5 - Organização na Fábrica
- nº 6 - FNT hoje

---

Frente Nacional do Trabalho

Avenida Ipiranga, 1267 - 9º andar

01039 SÃO PAULO Tel. 229-5129

Av. dos Autonomistas, 2546

06000 OSASCO Tel. 801-7749

CINQ FNT 80018